

Fase do “Patinho Feio”: os caninos “empurram” os laterais?

Alberto Consolaro*

Não!

Nesta fase da infância os incisivos centrais e laterais estão com as coroas inclinadas para a distal, enquanto o canino não vem. Os espaços entre os quatro dentes superiores anteriores nem sempre são regulares e simétricos, comprometendo a estética; provavelmente esta seja a razão pela qual se refere a esta fase como do “patinho feio”, lembrando o cisne que, uma vez criado no meio dos patinhos, era diferente e discriminado, até se revelar uma esplendorosa figura. A fase do “patinho feio” pode persistir por 3 a 4 anos. Quando os caninos se apresentam no meio bucal os incisivos se reposicionam lentamente no arco dentário e as coroas se mesializam e alinham em posição estética e funcionalmente desejada. Os diastemas diminuem ou desaparecem como mostra a figura 1.

A explicação mais conhecida para esta “correção natural” se fundamenta no fato dos caninos “empurrarem” os incisivos enquanto fazem sua erupção. Uma explicação muito simplista, que passa a idéia de um contato físico entre o canino e o incisivo lateral e deste com o incisivo central.

Quando um dente não irrompido aproxima-se de uma raiz vizinha, a sua coroa está recoberta ou protegida pelo folículo pericoronário, um tecido mole predominantemente constituído por conjuntivo fibroso, conectado ao esmalte pelo epitélio reduzido do órgão do

esmalte. O folículo pericoronário contém ainda muitas ilhotas e cordões epiteliais derivados da lâmina dentária. A sua imagem radiográfica é conhecida como espaço pericoronário e varia de espessura entre 1 e 5mm, em média.

O folículo pericoronário, por ser rico em componentes epiteliais, produz abundantemente um mediador de comunicação intercelular conhecido como EGF ou fator de crescimento epidérmico ou epitelial. Nos epitélios, este mediador estimula a proliferação e maturação celular, mas nas células ósseas induz à reabsorção de tecidos mineralizados, inclusive os dentários.

Quando um dente não irrompido se aproxima da raiz vizinha, quem “encosta” primeiro, ou quem toca inicialmente do ponto de vista físico, é o folículo pericoronário. Os vasos do ligamento periodontal e do próprio folículo pericoronário se colabam frente a esta pressão, reduzem gradativamente sua luz e os cementoblastos que revestem e protegem a raiz dentária morrem. A superfície radicular fica exposta em um ambiente rico em EGF, um mediador que também atua ativando outros mediadores foliculares indutores da reabsorção de tecidos mineralizados. A franca exposição de tecidos mineralizados atrai os clastos e se instalam as BMUs ou unidades osteoremodeladoras: tem início a reabsorção radicular vizinha a um dente não irrompido.

A reabsorção radicular induzida por dentes não irrom-

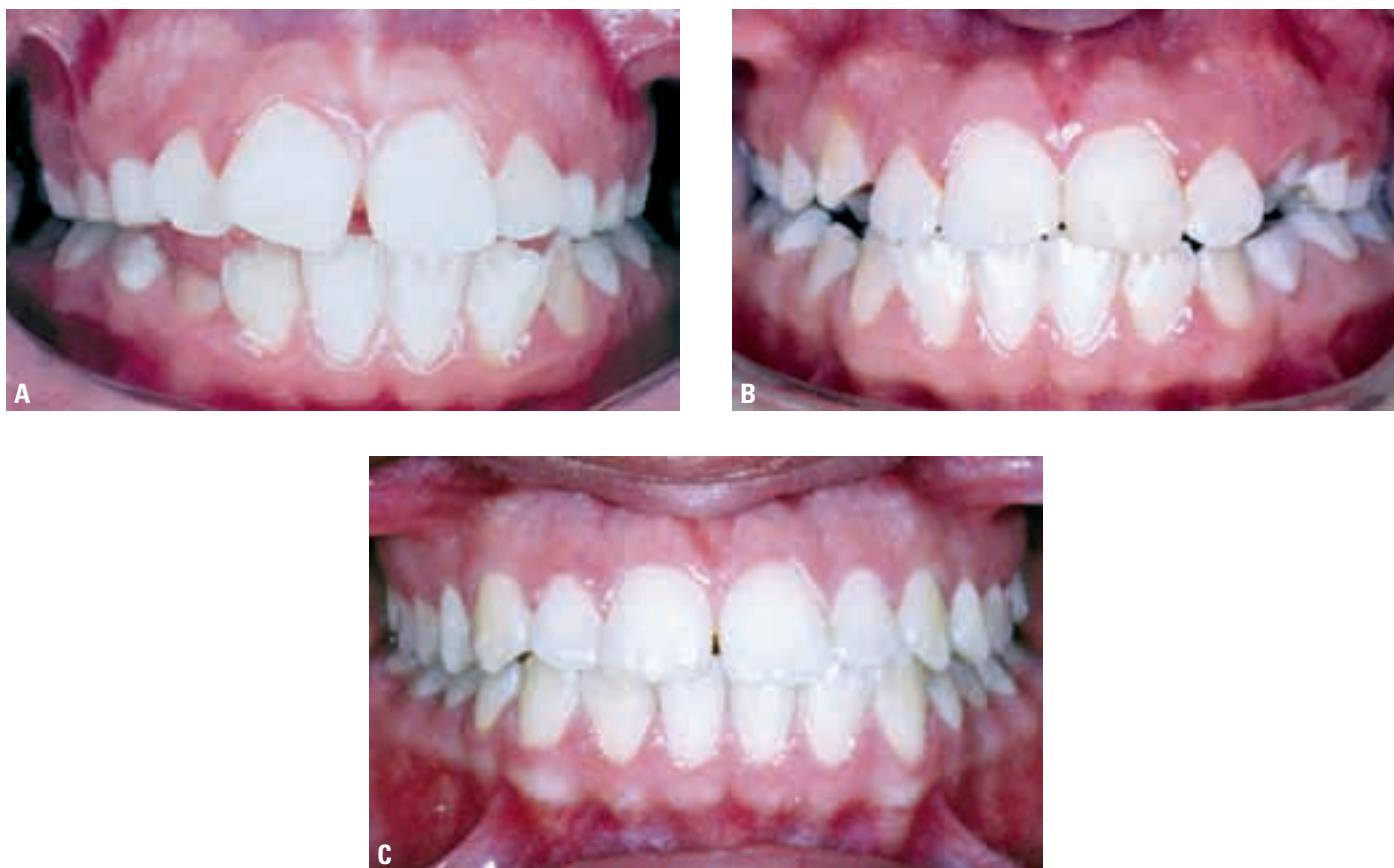


FIGURA 1 - Fase do “patinho feio”: as coroas dos incisivos superiores estão divergentes e voltadas para distal, com posicionamentos e diastemas irregulares, esteticamente indesejáveis. A erupção dos caninos superiores participa na geração de vetores de crescimento que promovem uma reacomodação e alinhamento dos incisivos em posição estética e funcionalmente favorável. Os caninos não “empurram” os incisivos pelo contato direto com o lateral superior (Caso gentilmente cedido pelo Prof. Dr. Décio Rodrigues Martins).

pidos vizinhos e próximos acontece, freqüentemente, na região dos terceiros molares inferiores, às vezes, comprometendo severamente a estrutura dos segundo molar, a ponto de levar à sua perda. Nos incisivos laterais superiores, quando falta espaço para o canino irromper, freqüentemente promove-se reabsorção radicular lateral.

Em síntese: quando um dente não irrompido se aproxima e o folículo pericoronário de sua coroa entra em contato com a raiz do dente vizinho, lesando a camada cementoblástica, haverá reabsorção radicular, muitas vezes severa e até com perda dentária.

Assim sendo, não tem fundamentação biológica e clínica afirmar que o canino superior “empurra” o incisivo lateral na fase do “patinho feio” e que, por isso, as posi-

ções dentárias dos dentes anteriores superiores se corrigem naturalmente, sem intervenção do profissional.

O tamanho da maxila e da mandíbula de uma criança, quando comparado ao do mesmo adulto, é muito pequeno. Os germes dentários já estavam nestes pequenos maxilares. O crescimento maxilar e mandibular gera muitas forças de pressão e tensão que direcionam o aumento, alargamento e determinam as suas formas finais: estas forças são denominadas vetores de crescimento.

Na parte anterior da maxila, os caninos devem contribuir muito para a geração dos vetores de crescimento, em função de seu tamanho, comprimento, posição e época de formação. Quando de seu movimento de

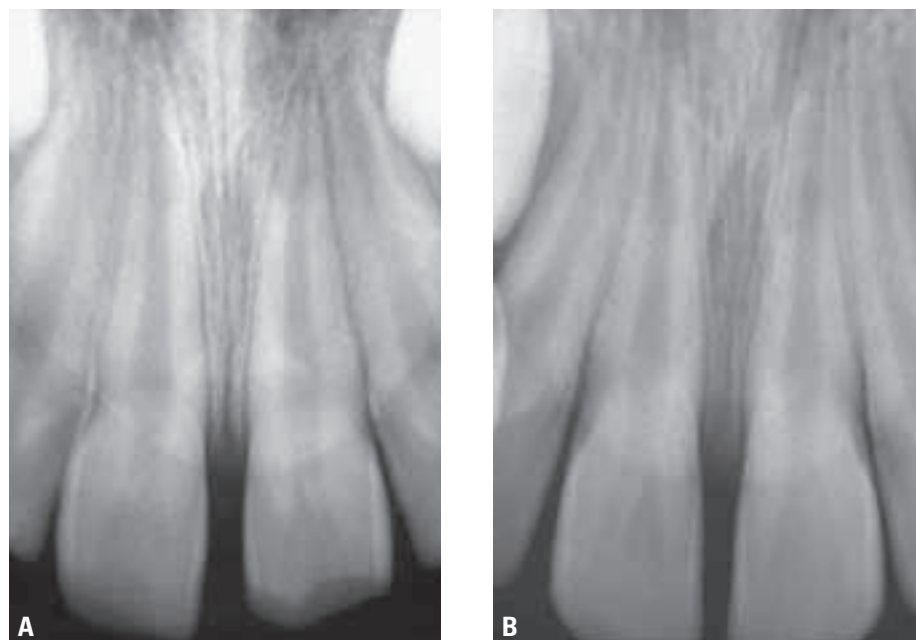


FIGURA 2 - Na fase do “patinho feio”, as coroas dos caninos superiores não tocam diretamente a superfície radicular dos incisivos laterais, muito embora a imagem, por superposição, sugira este contato direto entre as duas estruturas (Casos gentilmente cedidos pelo Prof. Dr. Décio Rodrigues Martins).

erupção, os vetores de crescimento maxilar, inclusive os associados ao canino superior, deslocam os incisivos centrais e laterais, bem como outras estruturas, reposicionando-os e corrigindo o aspecto de “patinho feio”.

São os vetores de crescimento associados e atuantes à mesma época de formação dos caninos superiores que movimentam e reposicionam os incisivos centrais e laterais superiores na fase do “patinho feio”. Se fossem os caninos que “empurrassem” os laterais, estes seriam reabsorvidos. Em sua raiz, os cementoblastos não resistiriam à pressão física da coroa do canino. A coroa do canino e a raiz do lateral não se tocam, não se contactam, e isto carece de fundamentação biológica.

A fase do “patinho feio” representa um momento, uma fase do crescimento maxilar e posicionamento dentário; sua correção não depende do contato físico entre canino e lateral superiores, mas sim de vetores de crescimento, de cuja geração participam também os caninos (Fig. 2). Se o contato entre estes dentes acontecesse, o incisivo lateral sofreria reabsorção radicular.

Afirmar que os caninos “empurram” os laterais na fase do “patinho feio” faz parte apenas da imaginação, para explicar porque os dentes anteriores superiores se reposicionam, confirmando a fábula que tem final feliz, pois um lindo cisne surgirá. Mas os verdadeiros “magos” desta história são os vetores do crescimento maxilar.

Nota do Autor: aos interessados em conhecer na íntegra a fábula do Patinho Feio de Hans Christian Andersen (1.805-1.875), acessar o site: <http://www.qdivertido.com.br/verconto.php?codigo=8>



Prof. Dr. Alberto Consolaro

Professor Titular em Patologia Bucal pela Faculdade de Odontologia de Bauru - FOB-USP - e-mail: alberto@fob.usp.br